

CHAPULTEPECO - Sou um pobre coitado, sem senhor. Quando tomarei a minha
café, as coisas foram se complicando de a vez mais, estão meu amigo
o Rato do Campo, que veio tomar café comigo no dia...
RATO DO CAMPO (entrando correndo) - Não, não, não, eu não disse nada de
tal....
EEL - Então foi mentira?
CHAPULTEPECO - Ela disse, eu juro...
RATO - Não disse, não...
CHAPULTEPECO - Disse, sem senhor.
RATO - Não disse.
CHAPULTEPECO - Disse, sim... (A contradição continua, e ele toca a
campanha).
EEL (ao jurado) - Tomem nota de que disse ou não disse o Rato do
campo.
UM JURADO (levanta-se) - Mas que foi, afinal que disse ou não disse o
Rato do campo?
CHAPULTEPECO (muito aflito) - Não se lembra mais. Por tanto tempo, (se
levanta-se ao chão)
EEL (Jurado) - Pois você há de se lembrar, do contrário ficará con-
denado a prisão.
CHAPULTEPECO - Sou um pobre coitado, Rato/ente/s.
EEL - Um pobre qualquer é o que você é, nada mais. (Ela/ente e palmas
aos jurados, logo chamados à ordem pelos salteadores). De isso é tudo o
que a dizer então sente-se.
CHAPULTEPECO - Não posso.
EEL - Por quê?
CHAPULTEPECO - Já estou sentado...
EEL - Então deixe-se.
CHAPULTEPECO - Eu preferia que o senhor me ajudasse a acabar o meu café.
(Leitasse ao chão, olhando humildemente para o "Eel").
EEL - De isso é tudo o que você sabe dizer, então ponha-se de pé.
CHAPULTEPECO - Não posso, já estou no chão.
EEL - Então ponha-se de pé.
CHAPULTEPECO (levantando-se) - Eu queria ora só acabar o meu café...
EEL - Já acabou já o. Que ra, Rato dequi. Sua...
CHAPULTEPECO Sai correndo.
EEL - Chamar a testemunha seguinte.
COMO (toca o corno) - Segunda testemunha:
DIZENDREIRA (entra)
EEL - Quem é você?
DIZENDREIRA - Sou cozinheira de forno e fogão. (voz grossa)
EEL - Sabe alguma coisa sobre os fatos da noite?
DIZENDREIRA - Sim, sim, muita coisa.
EEL - Então diga logo.
DIZENDREIRA - Não digo, não.
COMO (ao ouvido do Eel) - Nessa Rato/ente deve falar muitas per -
poras a esta testemunha para obrigá-la a dizer tudo.
EEL (enfado) - Muito bem. (para a cozinheira). Com que se fazem os
doces?
DIZENDREIRA - Com amido e pimenta do reino.
RATO DO CAMPO - Bom... Com montanha inglesa, pregos e catarão seco.
DIZENDREIRA - Deve estar ainda está aqui? Podem-se fora, depressa, (grasá

[Grande correria. Os sapinhos perseguem o rato numa confusão tremida e quando tudo se acalma, o Rato vemio, o Conselheiro também].

REI - Onde está essa conselheira? Morta? Não tem importância. Temos aí ainda muitas testemunhas, e esta chairava muito à cabeça mudada. Chamem a seguinte.

CONSILHO (toca clarim) - Terceira testemunha, Alice!

ALICE - Presentes

REI - Quem é esse menino?

CONSILHO - É uma criança.

REI - Uma criança? Mas os pais não estão aqui? (Para Alice). É que sabe você sobre o caso?

ALICE - Eu? Não.

REI - Absolutamente nada?

ALICE - Absolutamente nada.

REI - Desgrçada.

CONSILHO - Sua Majestade com certeza queria dizer desgrçada.

REI - Pois é. Claro. Ela é uma desgrçada. Não sabe nada, desgrçada, desgrçada, desgrçada... desgrçada. (Os jurados tomam nota peremptória de um ao outro qual das duas palavras devem escrever). Silêncio. Na o artigo 42: todas as pessoas que não tem cara de gente, são castigadas. E deixar esta sala imediatamente. (Todos olham para Alice)

ALICE - Que é que querem de mim? Será que eu não tenho cara de gente? Todos é que não têm.

SILÊNCIO - Não tem cara de gente, e ainda está à disposição da Justiça!

ALICE - Pois bem: de qualquer jeito, eu não terei culpa. Agora escreva 42 e não está certo. Você o inventou mesmo.

REI - Ora essa. É o artigo mais sagrado do nosso regulamento.

ALICE - Você devia ter pensado em 42 não pode ser o mais sagrado.

REI - Não perfeitamente. Você não entende, porque você é... é... Que foi que você disse que ela está (ao do confuso).

CONSILHO - Um criança.

REI - Essa mesma. Você não entende porque é uma criança e não tem cara de gente. Não presta atenção e é-se menino. Vejamos o meu o julgamento.

CONSILHO - Há mais provas a examinar, Majestade. Anchem de descobrir isto no chão. (Mostra um rolo de papel).

SILÊNCIO - Que é?

CONSILHO - Um papel enrolado.

SILÊNCIO - Há alguma coisa dentro?

CONSILHO - Não sei. Ainda não é abri. Mas, tenho a impressão que é uma carta escrita pelo acusado a alguma pessoa?

REI - Qual é o nome dessa pé no?

CONSILHO - Não sei. Não traz endereço algum.

SILÊNCIO - Se não traz endereço, não presta. Carta deve ter endereço. Sem endereço, não é carta.

CONSILHO (desenrolando o papel) - Pois não é mesmo. É um poema.

REI - É um poema escrito pelo acusado?

CONSILHO - A letra não é dele.

REI - Ora ele imitou a letra de alguém.

VALDETE DE OLIVEIRA - Por favor, Majestade, eu não escrevi isso. E ninguém pode provar que fui eu: não está assinado.

REI - Imitou uma letra que não é sua e não assinou. Ainda pior.

SILÊNCIO - É prova evidente da culpa dele. Claro.

ALICE - Prova nenhuma. Você não sabe o que está escrito nesse papel.

SEI (ao contar)- Então láia.

ALICE - Onde devo começar?

SEI - Se cima. E láia até acabar. Quando chegar ao fim, pode lerar.

ALICE - Vou tentar. A letra é muito pequena. (lendo p papel devagar).

"Se dei-lhe um, dêem-lhe dois,
Então dêem-lhe três e mais
Então para longe ele se foi
Entregando-se todos os dois.
Se eu - ou ele - por acaso estiver
Dessevida neste caso,
A liberdade devem-se desolver
Sem nunca sair atrevo.

SEI - Eis a prova mais evidente que existo até agora. Portanto...

ALICE - Prova? Se alguém não explicar o que quer dizer tudo isso, de lá se trata. Para mim, não tem sentido nenhum.

SEI - Não tem sentido? Ótimo. Assim não será preciso perder tempo por nada compreender. Mas... é um ou outro parece... por exemplo: "para longe ele se foi..." (ao adiantar) Não foi para longe não foi?

ALICE - Mas não dá para... Quem se deve...

SEI - E no princípio não disse: "Se dei-lhe um, dêem-lhe dois..."

Não será assim que se trata dos dados?

ALICE - Mas não continua assim entregando-se todos os dois. Quer dizer que ele não ficou com os dados, e não disse; os dados não estão ali em cima da mesa?

SEI - Pois é. Isso parece suspeito. (ao furar) Tome nota, assimem com muito cuidado e façam o juramento.

ALICE - Não, não é não. Primeiro o Vagante deve ser punido.

SEI - Que bobagem primeiro, os juramentos devem resolver os o Vagante é culpado. Depois, se for culpado, qual a punição que ele merece. E, em seguida...

ALICE - Ninguém pode me ajudar. Com essa boca, sua atrevida.

SEI - Vou dizer de minha boca. Calou feito quando quero. A Senhora está imaginando que é valente mesmo. Pois fique sabendo que está muito enganada. É apenas uma criança de cartas, não tem de jeito nenhum de andar ao pé. E vocês todos não passam de um simples baralho de cartas. Começo a descer pela encosta da frente, tocando, até ao fim, como se estivessem durando.

UMA Voz - Alice, acorde, Alice, já está na hora da verdade!

ALICE (acordando) - Que sonho engraçado eu tive! Vou logo contar à minha irmã, para não esquecer. (vai correndo).